

O LUZEIRO
Revista Mensal publicada pela
Editora "O LUZEIRO" Ltda.

SUPERVISOR:
Prof. H. J. Souza
DIRETOR RESPONSÁVEL:
Eng. Clovis Bradaschia
REDATOR-CHEFE
Dr. Ermelino J. Pugliese
GERENTE:
Eng. G. E. Malschitzky
SECRETÁRIO:
Dr. Guedes Pereira
TESOUREIRO:
Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos
assinados são de responsabilidade
dos autores.



A SABEDORIA AO ALCANCE DE TODOS

SUMÁRIO

Explicação dos Símbolos Pelas Dimensões do Espaço.

A Neurastenia Nas Grandes Cidades.

O Dia Das Mães.

O Que é Religião?

Os Ensinamentos Orientais e a Geologia.

É permitida a transcrição parcial ou total dos artigos, deste periódico, desde que citada a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL

EXPLICAÇÃO DOS SIMBOLOS PELAS DIMENSÕES DO ESPAÇO (I)

PROF. H. J. SOUZA

Presidente cultural da S. T. B.

Para o século que o mundo atravessa, as hipóteses que vamos formular podem parecer «atrevidas», e tendiosos os seus «raciocínios». Mas, quando se souber que semelhante estudo foi retirado de entre muitos outros, que de serem atualmente de grande transcendência, só daqui há alguns anos, a Humanidade poderá compreender, mas, em verdade, pertencem aos mais graduados Membros da Instituição por nós dirigida, é provável que ninguém o queira julgar da maneira pela qual demos início ao referido estudo.

Nosso interesse, pois, é o de demonstrar que, se nos colocarmos no ponto de vista das dimensões do espaço, podemos encontrar uma nova explicação para diversas questões que se apresentam debaixo de outro aspecto, bem diferente daqueles a que estamos acostumados. Sim, porque somente dessa maneira podemos ter uma noção exata e melhor, da verdade que elas encobrem. Não falemos de coisas mais transcendentes, como sejam, por exemplo, a de certas regiões do mundo, que, por sua vez, poderiam passar «por fantásticas», quando um leitor apaixonado, ou melhor, envolvido por idéias preconcebidas e pelos meios restritos de que se serve

a Ciência Oficial, negar perentoriamente a sua existência. Referimo-nos aos chamados mundos **Jina** ou de **Duat**, **Agartha**, e até, **SHAMBALLAH** (que alguns escritores mais afoitos denominaram de **Shangri-La**), aos quais nos referimos, a cada momento, em nossos próprios estudos.

Ninguém ignora que nosso mundo físico é construído sobre três dimensões: altura, largura e comprimento, mas que sendo TRÊS já denota haver uma quarta coisa. Chamemo-la de **CRUZ** ou **PRAMANTHA**, pois que, aparentemente fixa, no entanto, está sempre em MOVIMENTO. Nesse caso, vemos aí a **QUADRATURA DO CIRCULO**. Nosso próprio **TEMPLO** em São Lourenço, dedicado à Paz Universal e à todas as religiões do mundo, obedece a semelhante feitio: é qua-

drado por fóra, e circular por dentro...



As quarta, quinta, sexta e sétima dimensões — ligadas todas elas às precedentes — constituem os mun-

Cont. na pag. seg.

AOS LEITORES

Como sabe o leitor, **DHĀRANĀ** (termo sânscrito significando sumo controle da Inteligência, do Pensamento ou do Mental) é o nome do órgão oficial da "Sociedade Teosófica Brasileira", fundado em 1925. "O LUZEIRO", ao completar seu primeiro ano de vida, houve por bem tornar-se "Suplemento da Revista Dhâranâ", para melhor poder servir à extraordinária causa da S. T. B., à qual já se encontrava inteiramente devotado. No entanto, administrativamente, continuará a ser um periódico independente, com redação e administração próprias.

dos superiores de quatro dimensões (astral), de cinco (mental), de seis (espiritual), etc., não podendo ser representadas por meio de figuras em nosso espaço, pelo que nossos sentidos não as pode perceber. E nosso cérebro, que só possui as três dimensões da matéria física (a parte o que de secreto nêle existe — inclusive, a hipófise em relação à alma, e a epífise, ao espírito...), por sua vez, é incapaz de as conceber (2).

Ensina, portanto, a Teosofia, para não chamar de EUBIOSE ao que, pela primeira vez apresentamos ao domínio público, que, no mundo físico — base do Universo Visível e Invisível — se reflete todo esse Universo, sendo, portanto, lógico, que se possa ter a **esperança** de descobrir, com auxílio do raciocínio (ou Budhi, plano da Intuição, etc.), em substituição aos sentidos, esse reflexo, esse EMBRIÃO DAS DIMENSÕES superiores, dessa «quarta dimensão» que tanto nos intriga, por escapar, justamente, aos nossos sentidos físicos.

Todos os movimentos que o homem executa neste mundo, mais que restrito, pode reduzir-se a quatro. E qualquer que êle seja, é sempre um dos quatro, sinão, uma das suas combinações (3).

Pode-se ir para cima ou para baixo (altura), à direita ou à esquerda (comprimento), para diante ou para trás (largura), que não são, sinão, nossas **três dimensões físicas**. Mas, como foi dito anteriormente, existe um outro ou **quarto movimento**, completamente distinto, embora que ao alcance de qualquer pessoa: o de poder girar sôbre si mesma, quer num sentido como em outro.

E posto que os três movimentos representem nossas três dimensões, este **quarto** — tão diferente dos demais — não representa, entretanto, as dimensões superiores, e sobretudo, a **quarta dimensão**.

Representamos os **quatro** movimentos sôbre o plano da fôlha de papel onde estamos escrevendo, isto é, sôbre duas dimensões: X, como longitude, Y como comprimento ou latitude, que se encontram em ângulo réto, no ponto O; a altura Z, perpendicular às duas primeiras, e por conseguinte, ao plano do papel, não pode ser representada mais do que pelo mesmo ponto O.

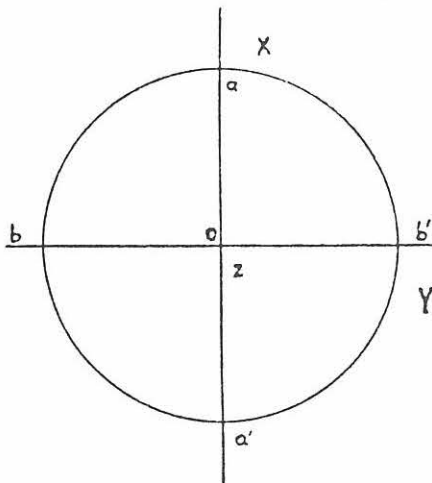


Fig. 1

Quanto ao **quarto movimento**, representa-lo-emos por uma circunferência, cujo centro será O. As condições que devem preencher a quarta dimensão, ao mesmo tempo que as três primeiras, são: 1.ª — estar em linha réta; 2.ª — partir do mesmo centro que as outras; 3.ª — ser perpendicular à cada uma das outras três.

Demonstraremos primeiro, que a circunferência que representa o quarto movimento na figura 1 respon-

de perfeitamente à terceira condição, pois que é perpendicular a X e Y, que são os seus diâmetros, e octogonal a Z, que é perpendicular a seu plano no centro. Fica, portanto, realizada a terceira condição.

Igualmente o é na segunda, porque, o movimento que está representado por essa circunferência, deve ser, em realidade, representado pelo mesmo ponto O; aquele que o executa não gira em redor de um ponto — pois que, gira sôbre si mesmo, sem sair do lugar. Seria necessário, pois, para ser exato, diminuir a circunferência até que se confundisse com seu centro. Seu ponto de partida está, pois, precisamente em O, como acontece com as três primeiras dimensões.

Apenas a primeira condição fica por ser realizada, porém, é lógico dizer que, no mundo físico não se pode manifestar a **quarta dimensão**, pois que aí permanece em estado latente, ou melhor, de modo subjetivo. Si se manifestasse, confundir-se-ia com a linha réta que parte de O, como as outras dimensões do mundo físico, mundo que se encontra imediatamente depois do de **quatro** dimensões ou mundo astral.

A **quarta dimensão** não pode estar em nosso espaço físico, sinão, em estado latente. Não pode manifestar-se, estando em potencial. Para se manifestar perderia esse mesmo potencial, do mesmo modo que tôdas as outras dimensões do espaço, de que são constituídos os mundos superiores, desde o de **quatro** dimensões até o infinito. Tal símbolo corresponde à circunferência da figura 1, cujo centro, como se viu, é O.

Tal circunferência, portanto, corresponde à terceira condição de ser perpendicular às outras três, preenchendo, também, à segunda condição. E não corresponde à primeira condição, de estar em linha réta, sinão nos mundos superiores da matéria. E o estado latente que a caracteriza em nosso espaço físico, assim como à tôdas as dimensões superiores, se torna fato real, devido esse enrolamento em torno do ponto O, pela impossibilidade de se desenrolar, como indica o mesmo símbolo da circunferência.

Este quarto movimento que, a bem dizer, corresponde à quarta dimensão, consiste em uma rotação sôbre si mesmo, não em volta do ponto O, mas, com maior propriedade, em torno da dimensão Z, a altura tomada como eixo. E como tenhamos três dimensões físicas (ou direções em ângulo réto), é preciso, também, considerar as outras duas rotações em volta das outras duas dimensões X e Y, como eixos.

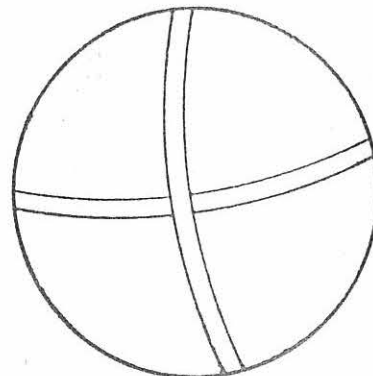


Fig. 2

Representaremos, então, essas duas rotações, como a primeira, por circunferências, cujo centro está em O, cujos planos, perpendiculares à fôlha de papel, não poderão representar-se por sua projeção sôbre essa mesma fôlha, a não ser com as rétas aa' e bb', aparecendo em perspectiva, na figura 2.

Observaremos que essas duas circunferências preencham, de igual modo que a primeira, as condições exigidas para toda dimensão do espaço e, por conseguinte, podemos aplicar à cada uma delas os mesmos raciocínios:

1.º — Nas mesmas condições que a primeira, partem de um centro comum **O**, isto é, estão enroladas sobre si mesmas em **O**, e simbolizadas por circunferências (nos mundos superiores, convém dizer, não há rétas... Antes de Einstein já o afirmávamos);

2.º — Cada uma delas é perpendicular às outras dimensões, quaisquer que sejam, representadas pelas rétas **X**, **Y** e **Z**, ou simbolizadas por circunferências;

3.º — Não estão em linha réta, porém, pelas mesmas razões que a primeira circunferência, a isso se opõe o espaço físico em que nós as representamos, embora que o sejam em seus espaços e naqueles que, aos mesmos são superiores...

Podemos, portanto, considerá-las, também, como símbolos de dimensões de outros espaços superiores ao nosso.

Essas três circunferências são os três círculos máximos de uma esfera que se cortam em ângulos rétos. E a reunião dessas mesmas três circunferências e de nossas três dimensões físicas, que são os seus diâmetros, constituem a esfera que simboliza o espaço de seis dimensões... Como o mundo físico possui três dimensões, o mundo de quatro, como já foi dito, será o **ASTRAL**, o de cinco, o **mental**, o de seis, o **espiritual**, o de sete (ligado a um oitavo...), a **UNIDADE PERFEITA**. Aquêle onde não existe a **Forma**, ou onde a mesma cessa de existir, se assim o quiserem, cujo verdadeiro símbolo é o **ponto**, obscuro, pela sua luminosidade, demonstrando, portanto, que aí é onde está o **ESPAÇO SEM LIMITES**. Se uma circunferência fôsse, nesse lugar continuaria a limitação de um espaço.

O ponto é a esfera retraída até seu centro, símbolo do **SEM FORMA**, ou melhor, o centro de uma esfera, que se distendeu até alcançar o Universo por inteiro — símbolo da **UNIDADE** — mas, como se fôra um **REPUXO**, as águas voltam sobre si mesmas. Com outras palavras: **O UM manifestado no Todo. O Todo manifestado no Um.**

* * *

Sigamos considerando a Figura 1:

Nela encontramos dois símbolos bem conhecidos: o da **ROSA-CRUZ**, onde os braços saem fóra da circunferência

. E o do Terceiro Logos, quando os braços

ficam limitados pela circunferência:



Se meditarmos no que representa uma esfera com seus três diâmetros (as três dimensões físicas), e os três círculos máximos, correspondentes a esses diâmetros (as três dimensões superiores), encontraremos o **GLOBO** simbólico da figura 2 «como signo de domínio, govêrno, etc., usado pelos reis, Imperadores, o próprio Papa. No arcano IV, do Taro (letra hebraica, **DALETH**), que é o Imperador ou **JUPITER** (Jove, Jeove ou Jehovah...) — de que é sua expressão máxima, o **REI** ou **IMPERADOR DO MUNDO** (Reino, pois, da **AGHARTA...**), é visto o mesmo símbolo. A imagem do **Salvador do Mundo** trás o mesmo símbolo (o globo terrestre), na destra.



Lamina a que se refere o texto.

“O Imperador” traz na mão o globo terrestre com a Cruz da Terra. Com as pernas forma o numero 4. Seu trôno (como qualquer cadeira) é o mesmo numero 4 (símbolo de Jupiter) invertido.

Do ponto de vista das dimensões, têm esses três símbolos, precisamente, o mesmo significado: os três representam o **UNIVERSO MANIFESTADO**, visível e invisível, esquematizado por suas dimensões.

Finalmente, os mais entendidos em assuntos esotéricos, principalmente os que cursam nosso **COLEGIO INICIÁTICO**, já deverão ter compreendido, que a maior razão de ser deste estudo, é demonstrar a possibilidade da existência daqueles três mundos, mais conhecidos por: **Mundo-Jina** ou de **DUAT**, **AGARTHA** e **SHAMBALLAH**, digamos, como reflexos — no seio da Terra — dos Três mundos superiores, ficando a face da Terra, como «ponte» que liga e desliga, ao mesmo tempo, os Três mundos superiores, dos Três inferiores, esquematizada no Hexágono, o seis, o **Vau** (arcano desse número), estreitamente ligado ao **SEGUNDO LOGOS**. De outro modo, evolução alguma poderia ser levada a efeito no Mundo ou **GLOBO TERRESTRE**.

Sic transit gloria Mundi...

(1) Este trabalho, retirado dos Arquivos pertencentes aos membros mais adiantados da Sociedade Teosófica Brasileira (onde se encontram ensinamentos da mais alta transcendência, e os únicos capazes de preparar o Mental dos homens de boa vontade, para o Novo Ciclo que se avizinha), é oferecido pelo seu autor, aos leitores de **O LUZEIRO**. E isto, além do mais, como Homenagem à Cidade de **S. PAULO** (onde o mesmo veio residir com a sua família). Metrópole extraordinária que, brevemente comemorará seu **QUARTO CENTENÁRIO**, e que se encontra, pois, mais do que nunca, em harmonia com o próprio Compasso **QUATERNÁRIO** da Terra, fazendo jús às primeiras luzes sobre a **QUARTA DIMENSÃO** — Nota da Redação.

(2) Os planos da Consciência, segundo a Teosofia, são: **Físico, Astral, Mental, Búdico, Nirvânico, Paranirvânico e Maha-Paranirvânico**. Em qualquer compêndio teosófico, o

A NEURASTENIA NAS GRANDES CIDADES

LAURENTUS

A perigosa neurastenia das grandes cidades, como a cólera das margens do Ganges, a desintéria dos países tropicais, a caquexia palustre da zona meridional da Europa, a paralisia infantil na América do Norte, já invadindo a nossa capital e outras cidades brasileiras, e a tuberculose, cuja estatística tornou-se mais que alarmante, representa o vergástulo fatal da civilização em declínio, contra o qual se tornam inúteis os esforços da ciência.

Sua ação — como a de todos os venenos orgânicos — é lenta, insidiosa, contínua. Sua complexidade põe à prova os mais talentosos cientistas. Sua forma é como a de todos os proteus. Vaga e confusa, sua etiologia. Ela abarca, nenhuma dúvida resta, tudo quanto no homem existe de mais excelso, mas também o que há nele de mais abjeto. Seu resultado final, como a epilepsia, a histeria e tôdas as afecções nervosas, é por demais conhecido para que nele tenhamos de insistir.

Não nos cabe fazer neste capítulo uma dissertação médica a respeito de doença tão incompreendida, que destrói as fontes mais puras da vitalidade humana, mas apenas tratar das suas manifestações do ponto de vista sociológico, e dentro das considerações que em higiene integral à mesma se prestam.

Acima de tudo quanto nos ensina a respeito a patologia, ressalta o caráter típico de tão complexa enfermidade: a degenerescência orgânica, sob o peso de um sistema nervoso descentralizado de suas funções naturais. Isso se verifica, além de outras muitas influências, devido às aglomerações que nas grandes cidades se fazem sentir em exíguos perímetros, verdadeiros leitões de Procusto, tal como acontece com os apartamentos, que a verve carioca, sempre alerta, denominou de «apertamentos».

Sendo a respiração a mais importante de tôdas as funções de nossa vida, começaremos por estabelecer um paralelo entre o ar das cidades e o dos campos.

Ninguém ignora que a composição normal do ar é, em volume e em números redondos, de 78 centésimos de nitrogênio, um de argônio e vinte e um de oxigênio, ou peso 76, 1 e 23, respectivamente. Tal o ar ideal da Ilha de Robinson, ou do cume solitário da montanha. O ar de qualquer cidade como o Rio de Janeiro ou S. Paulo, por exemplo, é algo completamente diferente. Apontaremos, pois, de passagem, as causas principais do empobrecimento do oxigênio. Falemos primeiro de uma cidade européia, Madrid, por exemplo, e do que nesta se queima diariamente no inverno. Seu milhão de habitantes (imaginem-se Londres com 10.000.000!), agrupados em mais de cem mil residências, queima em seus fogões e lareiras um quintal de carvão por semana, ou seja 5 a 7 quilogramas por dia e por pessoa, o que nos dá mais de meio milhão de quilogramas de consumo diário total. Pois bem, este meio milhão de hidro-carburetos eleva-se (quem o diria?) a mais de um milhão de quilogramas, ou quase 1.000 toneladas métricas desse mesmo oxigênio (gás que tão pouco pesa), em forma de anidrido carbônico ou do venenosíssimo óxido de carbono, pois não são apenas as cozinhas domésticas e as lareiras que o desprendem, mas também as fundições, as fábricas, os milhões de velas que se acendem, e até candieiros, pois nem todos possuem eletricidade em seus lares, principalmente os residentes dos morros e locais afastados, como acontece na capital brasileira.

E que dizer de milhões de cigarros por tôda parte e em todos os momentos? Mas, tudo isso é nada diante dos fornos humanos. Cada habitante queima por dia, do carbono dos seus tecidos, o bastante para produzir meio metro cúbico de anidrido carbônico, gás que, para não ser venenoso, deve estar diluído em cerca de 500 metros de ar puro, segundo químicos e fisiologistas. O residente da corte pede, portanto, nada menos que 350 milhões de metros cúbicos do divino fluido, por dia.

E que dizer agora do ar para os demais habitantes não humanos, como os das cocheiras e vacarias, os animais domésticos, como os cães, gatos, etc., que por sua vez reclamam sua quota de oxigênio? E se acaso o leitor fôr químico, ficará assombrado diante da cruel realidade do verdadeiro consumo invisível do precioso gás, a saber: pelas bactérias dos escrementos mal cozidos, porém palpitantes de vida aeróbia; pelas latrinas, mictórios e esgotos; pelas fermentações de outros líquidos e sólidos orgânicos, como o vinho, o vinagre, a cerveja, o esterco dos estábulos e cocheiras, os produtos dos açougues, peixarias e mercados. E isso para não falar das «feiras livres», que tanto desfeiam as cidades, como sucede com a nossa capital, e cujos detritos quando abandonados, como muitas vezes acontece, exalam um odor insuportável. Sobre o assunto, preferimos não apontar outros fatos vergonhosos, e que tanto comprometem aquela que tem o nome de «Saúde Pública»...

E que dizer de uma água excessivamente clorada, por ser de péssima origem, e de uma carne com quinze dias ou mais de congelamento, conservando paralizada a putrefação existente em tôdas as coisas mortas, e causando — estas sim, que são verdadeiras — as alergias, que se constata talvez em dois terços da população carioca?

Também há nas referidas cidades os cadáveres insetulados de ratos e outros animais macroscópicos; as imundícies dos hospitais e dos seus doentes; dos quartéis, escolas, casas de cômodos; as fermentações de tôdas as indústrias; o ambiente deletério dos sagrados templos de hoje, os apreciados cinemas e teatros, os perigosos cassinos e «boites»; e as imundíssimas — física e moralmente falando — sentinas do vício; a vida inteira, enfim, das grandes cidades, trocando — em virtude de leis familiares à química — o precioso oxigênio que se fixa em tantos seres e coisas, desde o ferro existente em tôda parte, inclusive nos arranha-céus, até o pão que nos alimenta; da pulga minúscula ao animal mais corpulento.

Afastemo-nos deste quadro de horrores para uma conclusão ingrata, mas salvadora: a de que o volume centesimal de oxigênio se reduz para as populações, em virtude de tôdas essas causas, de 21 até 19, ou seja, 2%. Em boa matemática, à Humbugman ou Cavia, isso significa que esse resultado equivale ao que adviria, se na cidade deixássemos de respirar meia hora por dia, ou reduzíssemos a nossa ração de comida (ambas coisas se equivalendo) na proporção de 19 a 21.

Finalmente: meia hora por dia sem respirar, quinze horas por mês, cento e oitenta por ano! Não é grave, leitor amigo, semelhante verdade? O resultado seria a morte imediata, não fossem os ventos, as águas e os demais agentes naturais. Estes, porém, não são suficientes. Com efeito, ninguém se sentiria seguro com um assassino a lhe seguir os passos, por mais próxima que

estivesse a polícia... pois esta, como a Natureza e o próprio Homero, muitas vezes está dormindo...

Vemos, pois, com tais dados, que a neurastenia, estudada sociologicamente, é uma enfermidade que também poderíamos denominar — com licença da medicina — de **anemia de oxigênio**, anemia psico-física, ou genuinamente, anemia sem adjetivos...

Nenhuma dúvida resta, portanto, que o ar das cidades é pobre e mortal. O problema, porém, é por demais complexo para ser desenvolvido num capítulo tão sintético como este. Assim, preferimos falar dos indiscutíveis valores da luz e da cor, suficientes para destruir os falsos valores das tão apregoadas **vitaminas**, para cuja refutação teríamos que escrever um grosso volume ao mesmo tempo científico, histórico, religioso e filosófico.

Já se começa a dar grande importância, em **ars medicatrix**, as sete cores do espectro solar que, diga-se de passagem, é assunto fartamente conhecido pelo Ocultismo e a Teosofia. Sabe-se, por exemplo, que as cores aproximadas do vermelho — de maior comprimento de onda — favorecem as oxidações; e as do campo violeta — de menor comprimento — ao contrário, provocam reduções, sendo entretanto oxidantes para as **substâncias orgânicas**, segundo os admiráveis trabalhos foto-químicos de Bunsen, Roscoe, Eder, Namias, etc.

No campo, o verde dos vegetais, o azul do firmamento e acaso certo ultra-violeta, cuja existência na atmosfera ainda não foi de todo estudada, mas se evidencia por certos fenômenos nervosos, como por exemplo o que se processa por baixo da epiderme, reconstituindo, por assim dizer, um segundo sistema periférico essencialmente ligado ao interno, ou céfalo-raquidiano, produzem, graças a luz do ambiente, uma oxidação completa, geral e interna, uma combustão (mal estudada ainda) concomitante com a maior oxidação derivada do oxigênio campestre. Daí ser o campo o incomparável tonificante do organismo e, ao mesmo tempo, o maior sedativo que se conhece para os nervos excitados e desequilibrados do neurastênico. Medicina natural, portanto, a qual deviam se sujeitar, ao menos uma vez por ano, os residentes nas grandes cidades.

Já houve quem dissesse que o azul do firmamento é capaz de acalmar uma febre; mas sem exagerar tanto esta terapêutica natural, afirmamos ser fato demonstrado que ele substitui com vantagem a «camisa de força» e os desastrosos efeitos do **luminal** e outros entorpecentes. A realidade é que, mal o demente chega ao manicômio, surge-lhe o acesso. E quando enraivecido, se dispõe a romper com tudo e com todos — qual potro de freio nos dentes — em busca do campo, seja pelo cansaço ou pela influência sedativa da natureza, o pobre enfermo é logo dominado pelos «orate fratres», e com ar estupefacto começa a contemplar o azul do firmamento. Talvez — quem sabe? — um vestígio de sã consciência adormecida em seu imo, faz com que ele lance um apelo ao Desconhecido que, de qualquer modo, é a Unidade donde tudo e todos procedem...

Se as radiações aproximadas do violeta, reduzindo grande número de sais halógenos, oxidam o anidrido sulfuroso, fazendo-o passar a sulfúrico, decompondo outros como o óxido de ferro, de cobre, de mercúrio, de chumbo, de urânio, etc., quão maravilhosa não será a sua ação intensíssima — embora ainda não estudada — sobre o organismo? Em troca, o vermelho excita as paixões humanas, de preferência no indivíduo, cuja parte moral (ou psíquica) não se acha bastante desenvolvida. É a cor predileta das tavernas, dos necroté-

rios, dos matadouros, das casas de tavalagem, e de outros lugares física e psicologicamente prejudiciais tanto à saúde, como à própria evolução humana. É ainda das três **gunas** (ou «qualidades de matéria») a mais grosseira, e atualmente em atividade em quase dois terços do globo, senão em muito mais, como aconteceu nas proximidades do afundamento da Atlântida... Outro não é o verdadeiro sentido alegórico de «Moisés ter passado a pé enxuto, com seu povo, o mar vermelho». É o mar da matéria dessa cor, a das paixões inferiores. Por isso, quando alguém que não sabe sopitar seus sentimentos de ódio, investe contra o desafeto, exclama: «Estou vendo tudo vermelho» — isto é, da cor do sangue daquele que, dentro em pouco, talvez seja sua vítima. É o mesmo vermelho, o mesmo **tamas** das condenáveis touradas, quando o «capinha» excita o boi para farpeá-lo com a sua espada assassina, servindo-se de uma «capa vermelha».

Uma acidificação intensa de tôdas as substâncias de nosso organismo é o resultado fatal de nosso viver. O exercício de nossas emoções e sentimentos decompõe nas células as lecitinas, neurinas, etc., formando uma grande quantidade de uratos, que se fixam em qualquer parte, causando sérias perturbações, se um medicamento bem estudado não os eliminar pelos rins, e principalmente **através da pele**. A isso muitas vezes se dá o nome de «alergia», embora atualmente se abuse deste diagnóstico, assim como do de «avitaminose», etc. Os nervos e músculos também se fatigam e esterilizam pela ação envenenadora de tais uratos, que provocam também as chamadas «polinevrites»; cansam o estômago e os intestinos, privando-os da adequada oxigenação e determinando fermentações anaeróbias e anormais, geradoras de perigosas toxinas; donde a gôta e o artrismo. E assim o organismo vai resvalando insensivelmente para o lado da **concha mórbida** na sua balança vital. O primeiro a se ressentir, nos homens de vida um tanto animal, é o ventre, pese a quantos purgativos lhe sejam administrados; nos de vida mais delicada, os nervos representam a primeira vítima, surgindo então logo a **neurastenia**.

Nascido o homem para viver em harmonia com a Natureza, seus pouco estudados elementos psíquicos logo se ressentem, pois o sistema nervoso é o mediador com o mundo objetivo. E assim, com a falta do **contrapeso da realidade normal**, sobrevem a super-excitação da fantasia, com seus sonhos dourados de **belezas e realidades perdidas**, e com as suas nostalgias, verdadeiras recordações dos tempos passados, digamos à Jorge Manrique, Mantegazza, Rabelais, Paul de Kock e outros tantos... Espatifa-se o freio dos desejos loucos, dos anelos mórbidos de excitantes naturais, como o álcool e o fumo (não falemos na **maconha**, que vai bestializando muita gente, ao lado da cocaína e da morfina). E logo aparecem também as necessidades do jogo, dos **lucros ilícitos**, e das perversões sexuais, de que estão repletas as grandes cidades... Donde os crimes, suicídios, etc., como se o espírito, divorciado da alma e do corpo, a ambos deixasse a dolorosa fatalidade de se despenharem no abismo da loucura e da morte... E lá se foram os formosos **paraísos naturais** de um céu azul, uma verde campina, um banho de sol, um panorama de inúmeras estrelas, um colóquio amoroso e mudo, enfim, com a redentora Natureza, pois que aqueles falsíssimos e artificiais «paraísos», em má hora exaltados por um Baudelaire, à luz meridiana, assim como à da inteligência nas suas culminâncias, outra coisa não representam senão obscuridade, dor, morte e menti-

O DIA DAS MÃES

H. J. S.

Por mais bela e digna que fôsse a razão de se ter escolhido como «Dia das Mães», o segundo domingo do mês de maio (festa móvel, portanto), muito mais importante seria a adoção do que expomos hoje, e que valor só possuiria se fôsse levado avante pelas próprias Mães do Brasil, e nunca pelo autor deste trabalho, que é ao mesmo tempo científico, filosófico, religioso e linguístico e sendo, por sua vez, auxiliado pela imprensa brasileira, cuja cultura e denodo a favor de tôdas as causas justas e nobres, o próprio povo reconhece.

Vejamos as razões que incluem aquelas supracitadas chaves que, em verdade, são as principais que regem a harmonia perfeita das coisas:

Como se sabe, o Cristianismo teve a sua origem no Judaísmo. Jesus era judeu, embora o ridículo que se lhe quis inflingir colocando uma tabuleta no topo do lugar do seu martírio, que foi uma cruz, chamando-O de Jesus Nazarenus Rex Judeorum. Para todos os efeitos, entretanto, Jesus era e continua sendo um «Rei Entre Todos os Reis». Completaram o ridículo: uma corôa de espinhos, uma cana por cetro, e um manto encarnado que, em verdade, era a côr do sangue que Ele dava em holocausto pelo mundo.

A Igreja Católica adota até hoje, inclusive em seus ritos, os termos Alleluia, Hozannah e outros mais, francamente hebraicos. O mesmo termo «missa» provém de Messiah (Messias, etc.), chegando ao bem nosso «messe», com o significado de «colheita». Palavras estas que são escritas com a letra hebraica Mem (que é o nosso M), como uma das suas três letras-mães, e com a qual se escreve os nomes de Mãe e Mulher, mas também, o de Maria e de maio, que é o mês à mesma dedicado.

Como sabem os estudiosos daquelas supracitadas «chaves», e das quais a Teosofia é a detentora, o alfabeto hebreu se compõe de 22 letras (também chamadas de Arcanos Maiores), cada uma delas com seu transcendental significado.

A letra Mem é representada não só pelas águas, como seu principal hieroglifo é um fruto. Tanto bastaria para a escolha do dia Treze (que é o número correspondente à letra Mem) como o dedicado a tôdas as mães do mundo. Sim, as águas do parto, anunciadoras do fruto bendito de tôdas as mulheres: o Filho. Símbolo portanto, da Maternidade. Não foi o mesmo Jesus anunciado por um Anjo, como «Bendito o Fruto do Teu Ventre, Jesus»? Maria, a Virgem Divina, a Rainha do Céu (Regina Coeli) é o símbolo precioso de tôdas as Mães e mulheres do mundo. Na própria Índia, os homens de maior cultura filosófica e religiosa, adoram a «Divina Mãe Universal», como símbolo, ao mesmo tempo, de criação e libertação. Os cabalistas vêem em Shekinah, esses mesmos atributos criadores e libertadores.

Finalmente, a décima terceira lâmina do Taro Sacerdotal, representa: 1.º — Deus como Transformador,

isto é, Princípio — ao mesmo tempo — Criador e Destruidor; 2.º — O negativo da Realização: a morte; 3.º — A Luz astral como função da Criação.

Com esse sentido, digamos de Vida e Morte, o próprio lar jamais desaparece, pois que os filhos substituem os pais depois dos mesmos serem colhidos pela morte. Amor, Roma, Mors ou Morte.

Hieroglificamente falando, o Mem hebraico designa a mulher como companheira do homem, evocando, pois, a idéia de tudo quanto é fecundo e capaz de criar. Constitui o signo maternal e feminino (mãe e mulher) por excelência. Signo local e plástico, imagem de ação exterior e passiva. Seu uso no final dos nomes (hebraicos) adquire um significado coletivo (logo, no presente caso, inclui tôdas as mães do mundo, etc.), pois, desenvolve o sêr no espaço indefinido. Dado que a criação exige uma destruição correspondente ou de sentido oposto, o Mem também figura as regenerações nascidas da construção anterior, isto é, as transformações, em consequência, morte concebida como «passagem de um mundo para outro».

O dia 13 de maio, a própria Igreja consagra a N. S. de Fátima, considerada — ao par da das Graças — «como a mais Milagrosa». A maior prova que se tem do caso é feita ao lugar onde a mesma se acha, na gloriosa Terra Lusitana, da qual, na sua grande maioria, os brasileiros descendem. Sim, o sangue nobre dos portugueses infundido na raça autoctone (a Tupi), da qual surgiu a nossa. Diogo Alvares Corrêa, «o Caramuru», e Catarina Paraguaçu servem de exemplo ao grande fenômeno histórico.

Como data política, o 13 de maio, é a da Libertação dos Escravos. Data esta que nos honra e dignifica, perante nós mesmos, perante a Divindade, pois que ninguém tem o direito de escravizar a outrem, seja qual fôr o setor da vida que se nos apresente.

Libertemo-nos, pois, de acôrdo com a nossa própria cultura, tanto científica, como filosófica ou religiosamente, das coisas inexpressivas, ou que não traduzem correta e cabalmente o seu original sentido muito bem expresso no conhecido termo: Sabedoria Inicial das Idades (ou Teosofia). Libertemo-nos ainda, do materialismo grosseiro que ameaça invadir todos os recantos da Terra. Para isso, fazemos lembrar o nosso expressivo slogan: Um só idioma. Um só padrão monetário. Uma frente única espiritualista. Mas também, Deus acima de todos os seres e coisas.

Sim, «Bendito seja o fruto do ventre de Maria», mas, também, o de tôdas as Mães ou mulheres, que sabem honrar tão dignificantes nomes.

«Spes Messis In Semine» (a esperança da colheita reside na semente), é o lema da Sociedade Teosófica Brasileira, em relação a tão preciosos Frutos, ou Germes Benditos da futura Civilização, para a qual a mesma trabalha (2).

A NEURASTENIA NAS GRANDES CIDADES

ra... Enfim, uma criminosa gazua que arrombasse a ebúrnea Porta do Mistério, essa maravilhosa porta que só pode ser aberta à virtude e à verdadeira Ciência, auxiliadas pela nobre convivência com a mãe Natureza, e não, aquela outra «porta» das «esperanças perdidas».

(1) Este artigo do Prof. H. J. Souza tem sido publicado em grande número de jornais e revistas deste e de outros Estados do Brasil, desde o começo do ano passado (*Nóta da redação*).

(2) Pelas razões expostas neste trabalho, a Sociedade Teosófica Brasileira e as Sociedades a Ela filiadas, comemoraram «O DIA DAS MÃES» em uma data fixa que é sempre o 13 de maio (*Nóta da redação*).



MINHA MÃE

*Da pátria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha mãe! —*

*Nas horas caladas das noites de estio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
O filho querido do seu coração:
— Minha mãe! —*

*No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava,
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
— Minha mãe! —*

*De noite, alta noite, quando eu já dormia,
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus lábios dormente roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
— Minha mãe! —*

*Feliz o bom filho, que pode contente
Na casa paterna, de noite e de dia,
Sentir as carícias do anjo de amores,
Da estrela brilhante que a vida nos guia:
— Uma mãe! —*

*Por isso eu agora, na terra do exílio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
"Oh filho querido do meu coração!"
— Minha mãe! —*

CASEMIRO DE ABREU

EXPLICAÇÃO DOS SIMBOLOS

leitor encontrará estudo mais detalhado a respeito, inclusive, em antigos estudos nossos — *O autor.*

(3) E isto, além do mais, porque em nosso Globo tudo gira em torno do número QUATRO. Senão, vejamos alguns exemplos: êle é o quarto de nosso sistema planetário. Do mesmo modo, encontra-se na quarta cadeia e quarta ronda, pois nesta se desenvolvem os 4 reinos da natureza: *mineral, vegetal, animal e humano.* Mais ainda, o fluxo e refluxo das marés, regulam seus quatro tempos ou fases: *enchente, vassante, prea-mar e baixa-mar,* idênticas às lunares: *nova, crescente, cheia e minguante.* Na mesma razão quaternária, a respiração no homem: inspirar, conservar o ar nos pulmões, expirar, conservar o ar fora dos pulmões. Embora que tal respiração seja a normal, no entanto, com o fenômeno da fala e outros mais, o mesmo só pode ser adotado, como "exercício" apropriado a manter o organismo em perfeito equilíbrio com as leis universais. E' aconselhável fazê-lo pela manhã, de preferência, ao ar-livre — *O autor.*

INSTITUTO HERMÉS

A nova Diretoria do INSTITUTO HERMÉS, filiada à S.T.B., com sede no Rio de Janeiro, à rua Buenos Aires, 81 - 1.º andar, de acôrdo com a assembléia geral realizada em 30 de março p.p., ficou assim constituída: Presidente — Dr. Luiz Eduardo da Silva Machado; Vice-presidente — Dr. José Eduardo Alves Filho; 1.º Secretário — Dr. João Canuto da Costa; 2.º Secretário — Dr. Arminio I. Strausz; 1.º Tesoureiro — Sr. Francisco Stavnitser; 2.º Tesoureiro — Sr. José Vieira Lima; Bibliotecário — Sr. Alvim Schroeder.

A nova Diretoria do Instituto Hermés — como uma das valiosas Barcas da Flotilha da S.T.B. — desejamos a prossecução dessa cultural e espiritual **Via-gem**, em busca do Ideal que a todos nós acalenta: a grandeza material, moral e espiritual da Pátria Brasileira, e, conseqüentemente, de todos os Povos do Mundo (A Redação).

IMPORTANTE

Chegou, também, ao nosso conhecimento que um grupo de esforçados intelectuais de BELO HORIZONTE, está em vias de fundar uma Instituição para se filiar à Sociedade Teosófica Brasileira. E que receberá um Nome, para todos nós digno do maior respeito, qual seja: INSTITUTO CULTURAL ITAPARICA. Como se sabe, foi nessa ILHA BAIANA, que se defronta com a cidade do SALVADOR, onde se fundou a nossa Obra a 24 de Junho de 1899. O número de Junho, deste periódico, será dedicado, ao mesmo tempo, ao seu primeiro aniversário e ao 54.º da referida Obra. Desde já chamamos a atenção de nossos leitores para o referido número, que irá além de tôdas as expectativas, em matéria de «imprensa especializada».

Aos nossos queridos Irmãos de BELO HORIZONTE, hoje capital do Estado de Minas Gerais, amanhã, capital dos Estados Unidos do Brasil, os nossos mais fervorosos votos de progresso espiritual e material, para a realização de tão valioso **Empreendimento** (A Redação).

O QUE É RELIGIÃO? (✻)

«Desvendemos o que é falso para chegarmos ao que é verdadeiro» — Ragon.

Sobre o termo **Religião** diz o eminente teósofo Dr. Roso de Luna, na Introdução de «El simbolismo de las religiones del mundo», o seguinte: «**ligo, ligas, ligare**, é atar ou ligar em latim, e **re-ligo, religas, religare**, «ligar duas vezes», a pura etimologia de nossa palavra **religião**. É, portanto, **religioso** tudo o que liga e **irreligioso**, o que separa ou desliga. Por isso, **Brahma**, não o suposto deus bramânico, mas o símbolo ario-indú da criação, formação e crescimento (da raiz sânscrita «brig», dilatar-se ou estender-se), é o símbolo religioso por excelência dos indostânicos, como irreligioso ou de maldade — valha a frase — é o símbolo destruidor e necromântico de Shiva e, como tal, existe uma verdadeira religião debaixo de cada vinculo com que se ligam todos os homens, do mesmo modo que debaixo de cada manifestação do Amor, da Arte ou da Ciência — coisa prevista por Goethe quando disse «que quem possui uma arte, não mais necessita de outra religião sinão a de sua própria arte», e também por Wagner, em seu decantado e rebelde **Credo artístico**, que começa: «Creio em Deus Pai, em Mozart e Beethoven e em todos os seus discípulos e continuadores!...»

E em outros dos seus incomparáveis estudos: «**Krishna, Buda, Jesus, etc.**, foram Seres Superiores que nos deram doutrinas eficazes, para que nós — com os nossos próprios esforços — nos remissemos. Nenhum deles fundou a religião que se lhe atribue. Quem logo fundou-a, foi o imperialismo de seus pretensos discípulos, os quais, escravos do inerte dogma que criavam, esqueceram que «religião» — não «crença» — não é sinão a dupla «ligadura» de fraternidade entre os homens, segundo a sua etimologia latina».

No entanto, a Humanidade prefere sempre tudo quanto possa despender menos esforço e, por isso mesmo, não quer perder tempo com assuntos de tal natureza — embora que sejam os únicos que resolvem os graves problemas da vida.

Há uma diferença muito sensível entre perceber e entender a verdade. Podemos percebê-la com o coração e entendê-la com o cérebro. Ou melhor, podemos sentir a verdade intuitivamente e examiná-la intelectualmente.

Se os que vivem neste século cultivassem a faculdade de perceber a verdade pelo coração, examinando depois por meio da inteligência o que sentiram, muito breve teríamos por toda parte uma condição melhor e mais feliz da sociedade. Porém, a desgraça de nossa época consiste em que as faculdades intelectuais foram levadas ao último extremo de seu poder de resistência, para as formas exteriores das coisas, sem perceber seu caráter espiritual, por meio do poder da intuição.

Mas que é intuição? Quem é capaz de defini-la? No entanto, é uma realidade! Não se assemelha à inteligência, porque discorre, analisa e busca a solução a todos os problemas; informa a consciência, abstrae, dispõe princípios generalizadores; a inteligência chega a sintetizar, vai do conhecido e por argumentos tenta invadir o desconhecido; a inteligência não se contenta com observar o meramente material: aventura-se ainda no terreno do imaterial — o espiritual; vai até esquadrihar o infinito, onde, como é natural, acontece per-

der-se em conjecturas. Nada disso é próprio da «intuição».

A intuição, tal como a entendemos, tem algo de instinto, porém mais elevado; é uma **percepção espiritual**, que nos prepara e, instintivamente, sem percebermos porque, nos faz agir «com conhecimento exato». É uma simples inspiração que se assemelha exteriormente ao instinto «sublimado»; ambos têm de comum o não ser a resultante da reflexão. Porém, a intuição não se limita ao material; estende-se ao espiritual. Que é a fé sinão uma verdadeira intuição? Claro é que na fé, nem sempre se esteja certo; por isso mesmo, tão pouco asseguraremos que a intuição proporcione forçosamente idéia exata. Nem sempre o homem está em condições de poder interpretá-la devidamente; do mesmo modo, nem sempre uma máquina obedece à intenção do mecânico. Não devemos esquecer que o homem é um ser material, embora que em si habite o espírito.

A fé, é uma intuição. Certo que, para desenvolvê-la contribue a força persuasiva do pregador; porém, não criaria raízes se não estivesse auxiliada pela intuição do ouvinte; essa intuição não se concretiza precisamente a tal ou qual crença, mas descobre na pessoa a idéia de Algo Superior, de uma futura existência ultraterrena e, essa idéia vaga a relaciona com o que disse o pregador, que deseja ensinar-lhe determinada crença.

A intuição é mais atrevida do que a própria inteligência; ela é algo assim como um farol que orienta o rumo da inteligência e, por isso mesmo, foi a voz interna que guiou a todos os descobridores, como: Galileu, Newton, Colombo e outros tantos.

Voltemos à palavra **Religião** e vejamos o que diz, por exemplo, o eminente teósofo Franz Hartmann: «O verdadeiro fim de um sistema religioso, deve ser, portanto, ensinar como pode uma pessoa desenvolver a potência de perceber a verdade. Pedir a alguém que acredite na opinião expressa por outro e que fique satisfeito com semelhante crença, é o mesmo que desejar que ele continue na ignorância, confiando mais em outro do que em si mesmo. Uma pessoa sem conhecimento, não pode ter convicção nem fé, e a sua opção por qualquer sistema, depende das circunstâncias sob as quais se criou ou se viu rodeada. Acha-se mais inclinada a adotar o sistema que seus pais ou parentes herdaram. E se troca de sistema, o faz geralmente por meros sentimentos egoístas, esperando conseguir algum proveito para si, por meio da troca. Considerada essa pessoa, espiritualmente, ver-se-á que nada lucrou com tal proceder, ficando nas mesmas condições de ignorância, porque para se aproximar da verdade, todo homem terá que amar a verdade pela própria verdade, e não, pelas vantagens que dela possa usufruir. Considerado intelectualmente, pouco ganhará por haver trocado uma superstição por outra. A única maneira pela qual o homem chegará à verdade, é amar a verdade pela própria verdade, livrando, ao mesmo tempo, a sua inteligência de todo prejuízo e predileção, para que a Luz que cintila esta verdade penetre em sua mente».

Referindo-se ao religionismo de hoje, diz êle: «Que outra coisa é o religionismo de hoje mais do que uma religião de terror? Os homens não querem evitar os

vícios, mas querem evitar o castigo que lhes possa advir. Ensina-lhes a experiência que as leis da Natureza não são mutáveis e, no entanto, seguem eles agindo contra a Lei Universal. Pretendem crer em um Deus que é imutável e, no entanto, rogam a esse Deus que lhes auxilie, quando desejam despedaçar a Sua própria Lei! Quando se elevarão até à verdadeira concepção de que o único Deus possível, é aquele poder universal que age pela Lei, sendo êle próprio a Lei e, como tal, não podendo ser modificado? Quebrar a Lei, é o mesmo que quebrar ao Deus que está dentro de nós, e o único meio de obter perdão, depois de assim haver procedido, é restituir à Lei, criando um novo Deus dentro de nós».

De fato, o que existe é a Lei e a Lei pertence a todos os homens, desde que estejam de acôrdo com ela — a começar pela própria Natureza, isto é, pelo aperfeiçoamento humano, por meio da união de seu espírito com a Vida Una.

É, portanto, dentro e não fora que o homem deve buscar a Deus. «Só a mente desenvolvida, bem dirigida e educada, pode discernir com exatidão e penetrar nos mistérios ocultos da Natureza. Só os de coração puro, podem ver a Deus».

Aquele que alcançou semelhante grau não necessita buscar um Adepto que o instrua, porque êle é o próprio Adepto. Daí, o que dizem os livros sagrados: «Quando o discípulo está preparado o Mestre aperece».

Do mesmo modo, nos ensina Gotama, o Buda: «A mente humana iluminada, é maior do que um anjo e um Deus; a razão intuitiva, está acima do sacerdote e da revelação, o domínio de si mesmo, é melhor do que o jejum, a mortificação e a prece; a caridade, maior do que o sacrificio e o culto». Seu lema era justiça, e de seus ensinamentos se deriva — com maior clareza — a lei de Karma ou de causa e efeito, ação e reação, distribuição e retribuição, através das encarnações da alma em diversos corpos humanos.

E ainda, nestas elucidativas palavras do incomparável teósofo espanhol Roso de Luna — na sua magistral obra iniciática «La Esfinge»: «Não deve esquecer o Teósofo que «devoção» vem de «devas» e «man», «manu», o homem, vem do radical sanscrito «manas» — «o pensamento» — e, portanto, só exercitando a sua própria mente com o estudo, e não, impetrandos os favores de ninguém por excelso que seja, poderá êle chegar a ser um «welsungo», um «rebelde», um Prometeu, em suma».

Si o nosso intento é, justamente, fazer luz sôbre tudo quanto o povo desconhece, não podemos prosseguir sem dar alguns esclarecimentos sôbre a palavra Prometeu.

Dizem alguns: «Da haste de nartex — do **pranathos** — que, pelo atrito contra um disco de vidoeiro, fazia chispar a chama com que o pastor ario do platô asiático acendia o fogo do seu lar, saiu o mito indico do **Pramantha**, o ser interlormente agitado e exteriormente agigante, que extrai o desconhecido do conhecido, o puro do viciado, o luminoso das trevas».

E assim acrescentam: «Prometeu é, portanto, a eterna revolta do espírito contra o Destino ignoto, a ânsia secular de liberdade que agita a espécie, a sua obstinada ambição de dominar a natureza. Prometeu é tôda a energia humana, o esforço incessante que busca melhorar as condições da nossa vida, que cria as artes e as ciências, que funda a cidade e o templo, que estabelece a ordem social, que edita as leis, que vence o tempo e o espaço, põe ao seu serviço as forças cegas

da natureza, faz, enfim, sôbre a terra esta coisa que nenhum outro ser da criação realizou: a civilização. A lenda de Prometeu é, verdadeiramente, a Epopéia da Humanidade».

«O prof. Kulm — diz H. P. Blavatsky — considera que o nome de Prometeu vem do sanscrito **Pramantha** — o instrumento usado para acender o fogo, porque a raiz **mand** ou **manth** implica em movimento rotatório e a palavra **manthami**, expressando o processo de acender o fogo, adquire assim o significado de «arrebatar», e daí, por sua vez, **Pramantha**, roubo. Isso é muito engenhoso, continúa ela, porém não é de todo exato; além disso há nele um elemento muito prosaico. Não há dúvida de que na natureza física, as formas mais elevadas se desenvolvem das inferiores: porém, no mundo do pensamento acontece justamente o contrário. Uma origem mais poética é a da Swastica. Seu protótipo é o **Matarishvan** ario, divina personagem relacionada com **Agni**, o deus do Fogo dos Vedas. **Matih**, em sanscrito, é «entendimento», um sinônimo de **Manas** e de **Maliat**. Prometeu, pois, como filho de **Fohat**, também tem a sua história.

«O argumento da trilogia de Ésquilo, da qual se perderam duas obras, é conhecido de todo homem culto. Prometeu — o semi-deus — rouba aos Deuses (os **Elohim** hebreus), o seu segredo relativo ao **Fogo Criador**. Por causa desse «sacrilégio», Cronos — o Tempo — derriba-o das alturas, entregando-o a Zeus — Pai e Criador de uma Humanidade, a que esse havia mantido cega intelectualmente (o grifo é nosso) — a maneira dos animais — porque não queria de modo algum admitir que ela se fizesse igual em inteligência aos seus próprios criadores. Assim, Prometeu, o Divino Dador do Fogo e da Luz, é condenado a sofrer espantosa tortura no cimo do Caucaso — melhor dito, «carcere da vida»; porém, o triforme Destino ou Karma, cujos decretos até aos próprios Deuses obrigam, ordena que tais torturas só durem até que nasça, a Zeus, um filho mais forte que êle e da estirpe de IO. «O Prometeu das Idades» que, ao libertar Prometeu, liberte a Humanidade de suas dôres ou, como diz o texto: «Este filho, o negro Epafos, precipitará finalmente de seu trono a Zeus, reduzindo a nada o seu poderio e cumprindo-se assim a maldição que o próprio Cronos lançou a este deus do raio terrível, pois que tal poder não lhe evitará a queda fatal e ignominiosa...»

Em resumo, a lenda de Prometeu é a própria manifestação divina — inconsciente no começo (perdoemos a frase) e a sua volta consciente ao seio do Infinito. E' a Humanidade que adquire experiência através um extensíssimo periodo de lutas e sofrimentos sem conta, ou o próprio Prometeu acorrentado que se transforma em Epimeteu libertador. Sendo que, isoladamente, cada homem pode figurar essas duas simbólicas personagens da Mitologia grega, desde que, pelos seus próprios esforços se liberte «das férreas cadeias da ignorância em que tem vivido», provando com isso o dito de S. Paulo: «Todo ser bom pode encontrar o Cristo em seu homem interno»; e até inúmeras passagens dos livros sagrados, inclusive a «Voz do Silêncio», quando diz: «Afasta-te da ignorância e também da ilusão. Vira o rosto às decepções do mundo: desconfia dos teus sentidos; êles mentem. Mas dentro de teu corpo — escrínio das tuas sensações — procura no impessoal o Homem Eterno; e tendo-o encontrado, olha para dentro: tu és Buda» (ou Cristo, se o quizerem).

Este é justamente o estado de consciência que a

Humanidade há de alcançar um dia, para logo depois voltar ao ponto de onde partiu, ou aquele que o Teósofo chamaria de «Sétimo Princípio» ou «Atmico».

Mas, voltemos novamente ao ponto de partida, ou seja, o referente ao termo **Religião**.

Religião — no seu verdadeiro sentido — diz Franz Hartmann, quer dizer a ciência que examina o vínculo com que está unido o homem à causa donde se origina, ou melhor, que trata da relação entre a Humanidade e o mundo das causas. A verdadeira religião é, por isso mesmo, uma ciência mais elevada do que outra qualquer. Religião e Ciência, em seu sentido mais profundo, são em realidade a mesma coisa. Por outro lado, uma religião que se prenda às ilusões e uma ciência ilusória, são igualmente falsas e, quanto maior fôr a obstinação com que se prendam à essas ilusões, mais pernicioso será o efeito».

Deve, portanto, haver uma distinção entre «religião» e «religionismo», «ciência» e «cienticismo», «mística» e «misticismo» e até mesmo, entre «Teosofia» e «teosofismo».

O mais elevado aspecto da religião é, praticamente, a união da humanidade com a Suprema Causa, da qual emanou sua essência desde o princípio. Em seu aspecto secundário, ensina as relações existentes entre a Grande Causa Primeira e a Humanidade; em outras palavras, as relações entre o Macrocosmo e o Microcosmo. Em seu aspecto mais inferior, o **religionismo** consiste nos louvores às formas mortas, na adoração de ídolos, de orações vãs, para persuadir à alguma deidade imaginária que nos favoreça; em rogar a Deus para que modifique a sua opinião e para conseguir favores contrários à Justiça.

A **ciência**, em seu aspecto mais elevado, é a consciência das leis fundamentais da Natureza e, por conseguinte, é uma ciência espiritual, baseada no conhecimento do espírito dentro de nós mesmos. Em seu aspecto inferior, é um conhecimento dos fenômenos e das causas secundárias ou superficiais que os produzem e que, erroneamente, por vezes, os cientistas julgam como causas finais. Em seu aspecto mais inferior, ainda, o **cienticismo** é um sistema de observação e de classificação de fenômenos externos, cujas causas não conhece.

O **religionismo** e o **cienticismo** estão continuamente sujeitos à transformação. Criados com ilusões, morrem logo que acabam tais ilusões. A verdadeira Ciência e a verdadeira Religião, são unas e, se reunidas à Prática, formam a pirâmide trilátera, cuja base está na terra e cujo cimo alcança o céu.

Mística, em seu verdadeiro sentido, é o conhecimento espiritual, isto é, o entendimento das coisas espirituais e superiores aos sentidos, obtido pelos poderes da percepção espiritual. Esses poderes estão contidos, germinalmente, em toda organização humana, porém são poucas as pessoas que os possuem suficientemente desenvolvidos para que sejam de interesse prático.

Misticismo, é um desejo para as ilusões; um desejo de penetrar nos mistérios que se não podem compreender; um anelo para satisfazer apenas a nossa curiosidade em tudo quanto não tenhamos o poder de compreender. E' o reino das fantasias, dos sonhos, o paraíso dos que vêm espéctros e das tolices espirituais de toda classe.

Porém, qual a verdadeira religião e a verdadeira ciência? Não resta a menor dúvida que existe uma relação exata entre a Humanidade e a causa que a chamou a existir e, portanto, uma verdadeira religião e

uma verdadeira ciência não de ser as que ensinam os verdadeiros termos daquela relação. Se olharmos superficialmente todos os sistemas religiosos do mundo, encontra-los-emos aparentemente em contradição. Observaremos uma grande massa de superstições e absurdos amontoados sobre algo que pode ser verdadeiro.

Admiramos a ética e as doutrinas morais de nosso sistema religioso favorito e aceitamos com isso todos os seus escombros teológicos, esquecendo que a ética de quase todas as religiões é essencialmente a mesma, e que os escombros que as rodeiam não formam uma religião verdadeira. E' absurdo crer que qualquer sistema possa ser verdadeiro quando não encerre em si a verdade. Porém, é igualmente evidente que uma coisa não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo. A Verdade não pode ser mais do que uma. A Verdade não se modifica; nós, sim, modificamos e, por isso, se modifica para nós o aspecto da verdade.

Qualquer homem inteligente — exceptuando os que são cegos voluntariamente — reconhece que todos os sistemas religiosos do mundo, contêm certas verdades que, intuitivamente, reconhecemos como tais; mas, como não pode haver mais do que uma verdade fundamental, todas essas religiões são ramos da mesma árvore, embora que as formas com as quais a verdade se manifesta, não se assemelhem.

A mais elevada verdade, em sua plenitude, não é conhecida pelo indivíduo na forma mortal. Aqueles que chegaram a um estado perfeitamente consciente da verdade absoluta, não necessitam forma que a contenha; pertencem a uma classe sem forma; não poderiam estar em unidade com o princípio universal se estivessem ligados pelas cadeias de uma personalidade; uma mente tão extensa que não possa ser contida pelo cárcere carnal, não necessita mais daquela prisão.

E daí, a impossibilidade de se querer descrever a outro o que é o conhecimento de si mesmo. Só o que possuímos em relação conosco, pode ter para nós uma existência verdadeira; o que não conhecemos não existe quanto ao que a nós se refere. Não se pode provar praticamente ao cego a existência da luz; do mesmo modo, é impossível dar-se prova de conhecimentos transcendentais aqueles, cuja capacidade não transponha a região dos fenômenos externos.

Não há nada mais elevado do que a verdade e, por isso mesmo, é que a sua aquisição é o mais elevado dos ideais humanos. O ideal mais elevado do Universo há de ser um ideal universal.

A constituição de todos os indivíduos formou-se segundo uma só Lei Universal e, portanto, o ideal mais puro ou elevado tem que ser o mesmo ideal para todos e ao alcance de todos. E, ao adquiri-lo, todos os indivíduos formarão uma só família ou unidade espiritual. Enquanto o homem não reconhecer o ideal mais elevado do Universo, para ele o seu ideal — seja qual fôr — será o superior. Porém, o fato de existir tal ideal em sua mente, não implica que não existe um outro mais elevado. E a prova é que, na maioria dos casos, todos se cansam daquele ideal que chamavam de «superior».

Há de haver um estado de perfeição que esteja ao alcance de todos e além do qual ninguém poderá adiantar, enquanto a totalidade do mundo não o tiver alcançado. Todos os indivíduos têm o mesmo direito de alcançar o mais elevado; porém, nem todos possuem o mesmo poder desenvolvido: uns podem alcançá-lo com maior rapidez, outros podem retardar no caminho e acontece, também, que a maioria cá e tem que reco-

meçar a subir a escada evolutiva. Outro não é o significado da «Parabola do bom semeador», atribuída a Jesus.

A Humanidade, embora que imperfeitamente desenvolvida, reconhece intuitivamente o que é verdadeiro, nessa ânsia incontida de evoluir cada vez mais.

O cientista que raciocina segundo o plano das percepções dos sentidos, é o que está mais afastado do reconhecimento da verdade, porque toma as ilusões, produzidas pelos sentidos, como realidades e repêe as revelações de sua própria intuição. O filósofo incapaz de ver a verdade, procura adquiri-la por meio de sua inteligência e pode aproximar-se da mesma até certo ponto; porém aquele em quem a verdade adquiriu a condição consciente, reconhece a verdade por percepção direta, por isso mesmo, a ela está unido e não pode enganar-se.

Essa condição é incompreensível para a maioria dos indivíduos — tanto para os cientistas e filósofos, como para os ignorantes. E, no entanto, existiram e existem homens que alcançaram aquele estado. São os verdadeiros Teósofos, porquanto nem todos que se dizem teósofos o são, como tão pouco os que se dizem Cristãos são um Cristo. O verdadeiro Teósofo e o verdadeiro Cristão e até mesmo Budista ou Mahatma, são um só, porque são formas humanas em que a Alma Espiritual Universal chegou a ser consciente.

E é por isso que o eminente teósofo Franz Hartmann, diz: «Um verdadeiro Cristão é inteiramente diverso do meramente externo. Os primeiros cristãos formaram uma organização secreta, uma escola de Ocultistas, que adotaram certos símbolos e sinais afim de representarem as verdades que compreenderam e, dessa maneira, poder comunicá-la entre si, ocultando-a dos ignorantes. Do mesmo modo, um Teósofo verdadeiro não é um sonhador, senão uma pessoa mui prática. Por sua pureza de vida lhe vem o poder de receber verdades elevadas, que não podem receber os indivíduos vulgares».

«A verdade é uma só, embora os homens lhe dêem nomes diferentes», diz o Rig-Veda.

Os homens de tôdas as partes do mundo que chegaram a perceber a Verdade, tiveram a mesma percepção. Isso vem explicar porque razão as revelações de todos os profetas são idênticas umas às outras, quando alcançaram o mesmo grau de poder. Só os termos diferem.

Se a ciência e a religião, a natureza e a moral, o Universo e o homem, forem dois termos irreduzíveis e sem princípio superior, serão fatalmente falsos: uma ilusão e nada mais. A ciência abstrata é um verbo inanimado: ela isola e dispersa. Porém, a Sabedoria, que é a Ciência do Amor aplicada à alma e à Humanidade, une e concentra: ela é o Verbo vivo.

Mas, no entanto, não podemos deixar de fazer justiça à ciência moderna — filha de Bacon e de Descartes — justamente por se ter estabelecido sobre a rocha da experiência e da razão, pois, se até agora só lhe foi possível medir os pés da grande Isis, há de chegar o dia em que se elevará até o coração e a cabeça da deusa.

(*) Este trabalho também é de autoria do Prof. Henrique José de Souza. No próximo número, em continuação, será publicado "O QUE É TEOSOFIA?".

AOS SENHORES ASSINANTES

Para que a distribuição de "O LUZEIRO"

continue a se processar normalmente, sem qualquer interrupção, pedimos aos senhores assinantes, que renóvem em tempo as suas assinaturas, tendo em vista os novos preços para o Brasil e para o Estrangeiro.

(A administração).

"E' do botão da renúncia da própria personalidade, que nasce o fruto doce da libertação final". (De "A Voz do Silêncio").

"A ignorância é espiada pelo sofrimento e a escravidão".

"Todo e qualquer esforço não altruístico, é improficuo e até prejudicial".

"Tudo parte da Unidade para a diversidade para depois volver da diversidade para a Unidade".

"O homem deixou escapar o selvagem de seu ego e agora, não mais pode contê-lo. Políticos, cientistas e sábios acham-se envergonhados e confessam, ante os homens de fé, que o que sabem é pouco e o que não sabem é muito".

(Jacob Fink — Rabino-chefe do Brasil)

Tais palavras demonstram que aquele que as proferiu sabe muito mais do que deixa transparecer. Sim, razões há para tanto... (H. J. Souza).

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 148

Morreu, pois, o continente atlante nas mãos do continente ario atual, como o continente hiperboreo sucumbiu, mercê a elevação lemurica, e os ensinamentos dos Templos orientais alcançaram muito mais longe que a nossa novíssima geologia, na sondagem do passado de nosso planeta... E' um fenómeno natural... que se repete sempre. Quando remontamos do fundo e obscuro vale da nossa ignorancia de bestas humanas em divina evolução, para as alturas de novos ideais científicos, vemo-nos surpreendidos, não só pelas perspectivas do vale que deixamos às nossas costas, como também, pela de outras alturas separadas da nossa por vales que a Humanidade outróra abandonou. Por isso si, nas épocas de ignorancia, a Humanidade pôde chorar, com o clássico, no vale da dor, as épocas das grandes culturas e das brilhantes conquistas são a realização bendita do mito de Prometeu que, escalando a altura do saber, roubou o fogo divino da inteligência a uns deuses invejosos e egoistas, para enriquecer com ele a uma Humanidade desvalida, redimindo-a, como fazem todos os redentores, a custa de seu sangue e de sua vida.

(1) Ver «O LUZEIRO n.º 3, págs. 28 e 29: «Reminiscências Atlantes» (nota da redação).

(2) Veja-se História dos Atlantes, por W. Scott Eliot e tomo V de nossa Biblioteca das Maravilhas (nota do autor).

OS ENSINAMENTOS ORIENTAIS E A GEOLOGIA (I)

OS TRÊS CONTINENTES:

HIPERBOREO, LEMURIANO E ATLANTE

(CONCLUSÃO)

Mario Roso de Luna

«O que vou relatar remonta a nove mil anos. Nossos livros contam de que maneira resistiu Atenas aos ataques de uma potência formidável que, vindo do mar Adriático, invadiu uma grande parte da Europa e da Asia, porque o Oceano de então, se podia atravessar com grande facilidade. Em frente às embocaduras que chamais Colunas de Hercules, existiu uma Ilha maior do que a Libia e a Asia reunidas, e os navegantes de uma e outra passavam até o continente frõteiro que bordeia aquele mar».

«Nesta ilha, Atlantida, viviam reis célebres por seu poderio e tinham fundado um império que abarcava tôda a ilha e suas visinhanças. Os ditos senhores dominavam da Libia até o Egito e Europa até o mar Tyrrenio. Um dia pretenderam subjugar aos povos aquem das Colunas de Hercules e, então, foi quando a vossa cidade mostrou todo seu valor, arrostando os maiores perigos e restituindo a liberdade a todos os povos de aquem».

«Os tempos que se seguiram foram caracterizados por grandes terremotos e inundações. No espaço de um dia e uma noite terríveis, todos os guerreiros que haviam chegado até a porta de vossos lares, foram tragados pelo abismo. A ilha Atlantida desapareceu sob as ondas do mar (1) e daí vem que hoje não se pode explorar senão o mar que a cobre».

Existem livros meramente intuitivos, ou sejam, desprovidos do que chama a nossa jovem ciência «fatos positivos ou experimentais», que descrevem com preciosa amplitude o nascimento, prosperidade e ruína daquele povo gigantesco (2). Suas páginas estão implorando um canto épico superior ao de Verdaguer e ante elas empalidecem as formosas páginas do *Pentateuco*, relatando a passagem do Mar Vermelho pelo povo de Israel, conto simbólico que encerra o mesmo significado esotérico de um povo como o atlante, que atingiu as raias do saber e os abismos da magia negra mais horrenda e que foi sepultado no mar pelo que se pôde chamar «a colera do céu». Os trechos comovedores do *Dies irae*, em que a Igreja junta o testemunho de David ao das sibilas pagãs e o elegiaco canto do Sábado Santo e sua «Noite Terrível», são outros tantos ecos longínquos, divinos, porém mui adulterados, daquele momento típico da história do Planeta, em que o mundo atlante da fôrça deu lugar ao mundo ario do Amor, carregado das ubérrimas promessas do Destino, que se chamou logo indús, caldeus, egípcios, gregos, romanos e os que formam os povos modernos.

Ante a ligeireza com que Humboldt trata este problema, eleva-se o testemunho unânime da tradição e ainda o da ciência.

Tertuliano, Marcello, Possidonio, Philon, Ammiano Marcelino, Dicearco, Manethon e outros tantos, são contêstes com as revelações dos sacerdotes de Sais. Zaborovoski, em seu livro *L'Homme Préhistorique*, demonstra que a geologia do Mediterraneo está ligada com a da Europa, do Norte da Africa e Este dos Estados Unidos, nas três formações terciárias eocena, miocena e pliocena.

As relações pliocénicas da Europa e América Setentrional, estão fóra de dúvida, com as suas espécies idênticas de plantas, insetos, pássaros não emigrantes e peixes de água doce. A Etnologia prova a identidade de raça dos guanches cromagnones canários, de um lado, com os libio-iberos, nossos antecessores e do outro com os povos peruano, mexicano, vasco, fenício, etrusco e egípcio, sendo as invasões arias de época mui posterior. A civilização egípcia e a dos povos americanos, tais como os aztecas e incas, guardam pasmósas analogias, como o provam as pirâmides ou Câmaras de Iniciação de uns e outros, coisa fóra de dúvida, depois dos estudos de Nadaillac, Chatellier e Nevoberry, e sobre os índios americanos os de Bory de Saint-Vincent, Tournefort, Mentelle, Böer e Gafaert, segundo eruditamente se demonstra na obra *Iberos e vascos*, de J. M. Pereira de Lima, que temos à vista. O mapa batimétrico ou de profundidade marítimas que trás a dita obra, é um precioso documento que nos mostra a destruição e desaparecimento das terras atlânticas, desde Espanha até o Golfo do México. Entretanto, afloram seus cumes para os Açores, Madeira, Canarias e Cabo Verde, cujo estudo geológico, do mesmo modo, é de um interesse excepcional.

Desde então, acreditou-se que o afundamento atlante afetou somente a extensa região do Oceano de mesmo nome. Nós, todavia, suspeitamos que tamanho fenômeno geológico afetou a tôda zona equatorial da Terra.

A batimetria do Norte do Pacífico nos mostra entre Japão e California a enorme depressão marítima de Tuscanora, guardando analogias de profundidade e situação com a oriental do Golfo das Antilhas; entre uma e outra depressão, se elevam normalmente os Andes americanos. Esta formação quaternária é uma verdadeira dobra terrestre, elevada de Norte a Sul, a custa das duas grandes depressões citadas, do Atlantico e do Pacífico. Para a primeira depressão contribuíram, do lado contrário, os Alpes e Pireneus e para a segunda depressão auxiliaram as elevações do Himalaia, China e Indo-China. A zona vulcanica, desde as Molucas até Alasca, através das Filipinas e o Japão, está por isso, intimamente relacionada com os vulcões dos Andes, como estes estão para o outro limite continental, com o Ecla, o Teide e a zona vulcanica armenio-mediterranea. O que importa dizer, que todos os vulcões de nosso planeta estão ligados geologicamente com tamanho afundamento continental, que foi, em ponto pequeno, para a Terra, algo semelhante ao vulcanismo lunar que, muito mais intenso, deu à Lua a desolada e morta fisionomia que hoje nos revela o telescópio.

CONT. NA PAGINA 147

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo